



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

**Camila de Macedo Nogueira e Martins
Oliveira**

Universidade Federal do Piauí
Teresina – Piauí

Elizangela Barbosa Cardoso

Universidade Federal do Piauí
Teresina – Piauí

RESUMO: O presente capítulo analisa a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas, proeminente literato piauiense atuante no período de transição do século XIX para o século XX. O objetivo do estudo é analisar a escrita do literato Clodoaldo Freitas, no início do século XX, em torno das mulheres muito afeitas à religião, referidas como beatas, tomando como fontes dois contos e uma novela do autor em questão para buscar formular uma compreensão do modo como a sociedade da época se apresentava para as mulheres. Primeiro é apresentado o literato Clodoaldo Freitas, em seguida é feita uma breve discussão acerca do anticlericalismo no Brasil, para então analisar as representações das mulheres beatas nos contos *O divórcio* e *A beata*, publicados no Maranhão, respectivamente em 1907 e 1909, e na novela *Por um sorriso*, publicada originalmente em 1921 no Piauí. Esses contos e novela de Clodoaldo Freitas elencam prescrições de modelos

ideais de mulheres e apresentam disputas de representações femininas, transfiguradas nas personagens beatas, onde há uma proeminente crítica anticlerical atravessando essas imagens de mulheres afeitas a ritos religiosos. A análise dos textos literários foi desenvolvida a partir das pesquisas de Mattoso (1992), Queiroz (2011) e Santos (2010), e dos conceitos de representação e gênero dos teóricos Chartier (2004) e Scott (1990).

PALAVRAS-CHAVE: Beatas; Clodoaldo Freitas; Literatura Piauiense; Anticlericalismo.

THE REPRESENTATIONS OF THE BIGOT WOMEN IN CLODOALDO FREITAS' LITERATURE OF THE EARLY TWENTIETH CENTURY

ABSTRACT: This chapter analyzes the figure of the bigot women on the free thinker Clodoaldo Freitas' fictional literature, a prominent literary piauiense who act as a writer by the period of transition from the nineteenth century to the twentieth century. The aim of the study is to analyze the writing of free thinker Clodoaldo Freitas, in the early twentieth century, around women who is very sensitive to religion, referred to as bigot, taking as sources two short stories and a novella by the referred author in order to try to formulate an understanding of the way the

society of the time presented itself to women. First is presented the author Clodoaldo Freitas, then a brief discussion is made on anticlericalism in Brazil, to analyze the representations of bigot women in the short stories *Divorce* and *The bigot woman*, published in Maranhão, respectively in 1907 and 1909, and in the novel *For a smile*, originally published in 1921 in Piauí. These short stories and a novella by Clodoaldo Freitas list prescriptions of ideal models of women and present disputes of feminine representations, transfigured in the characters of bigot women, where there is a prominent anticlerical criticism crossing these images of women captivated by religious rites. The analysis of literary texts was developed over Mattoso (1992), Queiroz (2011) and Santos (2010), and from the concepts of representation and gender by the theorists Chartier (2004) and Scott (1990).

KEYWORDS: Bigot women; Clodoaldo Freitas; Piauiense literature; Anticlericalism.

1 | INTRODUÇÃO

O presente capítulo visa analisar as representações das beatas na literatura do livre pensador Clodoaldo Freitas no início do século XX. Para tal, impõe-se a necessidade de formular uma breve apresentação do processo de secularização do mundo moderno articulada à formação do literato e da Questão Religiosa na segunda metade do século XIX. Apresenta-se brevemente o autor, sua formação educacional e o desenvolvimento de seu anticlericalismo, para, então, adentrar na figura da beata na literatura do autor piauiense, tomando como base os conceitos de representação e gênero, respectivamente, em Chartier (2004) e Scott (1990).

2 | CLODOALDO FREITAS

Clodoaldo Severo Conrado de Freitas nasceu no ano de 1855, em Oeiras, “entre morros e agrestes edificadas” (FREITAS, 1988, p. 11), na casa onde morou seu tio (CUNHA, 1924, p. 29), o padre José Dias de Freitas. Era filho de uma professora primária, Dona Antônia Rosa Dias de Freitas, e de um professor e Capitão Agregado da Guarda Nacional, Belisário José da Silva Conrado, ambos membros de famílias de elite pertencentes a uma classe média letrada e urbana da Província do Piauí vinculadas ao Partido Liberal.

Em 1871, Clodoaldo foi enviado ao Maranhão, para o Seminário Pequeno das Mercês, com o intuito de ser preparado para adentrar no Seminário Maior, onde obteria a formação superior de filosofia e teologia, e seria habilitado a fazer parte do clero católico. O jovem estudante, então com 16 anos, direcionou todas as suas energias à sua carreira eclesiástica. Junto ao pequeno rosário, presente de sua devota mãe, rezava todas as noites antes de dormir. Fiel para com os preceitos religiosos, não faltava com seus deveres no seminário e confessava-se com regularidade, asseverando a vocação sacerdotal que carregava dentro de si. Ao longo de 3 anos

no seminário menor, escreveu versos, um romance e três dramas nunca publicados e se dedicou avidamente aos estudos no internato. (CUNHA, 1924, p. 30)

No entanto, em 1874, resolveu desistir de prosseguir com a carreira eclesiástica que lhe foi imputada e, ao invés de seguir para o Seminário Maior, inscreveu-se no exame de Geografia, ainda em São Luís, tendo em vista a realização dos exames gerais de preparatórios para o ingresso aos cursos superiores do Império (EDITAIS, 1874), para adentrar no estudo do Direito, no qual foi aprovado plenamente, ainda como aluno do seminário menor (EDITAIS, 1874). Décadas depois, já em 1901, morando em Teresina, Clodoaldo iria explicar o momento preciso que o fez desistir de seguir a carreira eclesiástica, afastando-o da Igreja romana e libertando-o da “cegueira da fé” (CUNHA, 1924, p. 31):

“Passando pelo interior da igreja, junto ao altar que fica à porta que vai para a sacristia, olhei para os santos contritamente, e meu olhar foi parar num frade gordo, baixo, de chapéu largo, um ridículo espécime da calungagem que emporcalha os altares romanos, e não pude conter um riso. Este riso foi como um raio de luz que se abrasasse diante de mim. Comecei a pensar nos problemas divinos e a perguntar a mim mesmo porque figuravam nos altares, recebendo nosso culto, esses pedaços de madeira sem arte e sem beleza. A intitulada impiedade que devia, mais tarde, me separar completamente da Igreja romana e de toda comunhão religiosa, libertando-me radicalmente da cegueira da fé, começou a invadir-me como o sol triunfal invade o espaço obscurecido ao despontar da manhã. A vida no seminário, em contato imediato com a hipocrisia e a Igreja, me aparecia agora sob outro aspecto, despertando-me desse sono invernal em que me engolfaram a educação e a ignorância. Deixei de rezar o meu terço noturno e acabei de vez com todas as práticas religiosas. (FREITAS apud CUNHA, 1924, p. 31)

Apesar de suas memórias direcioná-lo para uma explicação a partir da corporeidade desviante dos sacerdotes na sua incipiente crítica anticlerical, as influências para tal são mais facilmente compreendidas pela irradiação, no Seminário das Mercês, da repercussão da Questão Religiosa (CUNHA, 1924, p. 32) a partir dos professores leigos do seminário, considerados livres-pensadores (NERIS, 2011, p. 25). Os motivos que levaram Clodoaldo a anos mais tarde compreender o nascimento de seu anticlericalismo pelo viés do padre glutão se articula às críticas de tendência liberal veiculadas no período sobre as vantagens conferidas ao clero sobre o restante da sociedade (SANTOS, 2010, p. 58). A falta de atributos viris do frade não o remetia às virtudes esperadas por um sujeito revestido de poder religioso, provocando apenas o escárnio do jovem interno que parecia buscar um ideal cristão corrompido (SANTOS, 2010, p. 44). O que o levaria, posteriormente, à total destituição de sua profissão religiosa.

3 | SECULARIZAÇÃO DO MUNDO MODERNO E A QUESTÃO RELIGIOSA

Período marcado por profundas mudanças, o século XIX inaugurou a contemporaneidade Ocidental. O livre pensamento promovido pelo iluminismo,

alinhado ao Renascimento, ao racionalismo e às correntes empiristas dos seiscentos, e pelas revoluções burguesas; a medicina experimental racionalizando o corpo; a Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, as explicações psicanalíticas de Freud demovendo as possessões demoníacas e os espasmos místicos; a História científica de Hanke apartando-a da literatura; o positivismo, o materialismo histórico e a dialética hegeliana, “elevando” a filosofia à ciência, abalaram a hegemonia religiosa como principal elemento formador dos sujeitos e coletividades. O movimento racionalista do século XIX provocou uma reação conservadora da Igreja na segunda metade dos oitocentos (SANTOS, 2010, p. 58). Literalmente receosa diante da notável perda de terreno, o alto clero católico empenhou-se, então, no movimento Ultramontano (além das montanhas, referência à Roma que fica além dos Alpes), o qual centralizava as decisões da Igreja Católica Apostólica Romana na figura do Papa.

“A Igreja brasileira foi criada em completa subordinação ao Estado” (MATTOSO, 1992, p. 297). Remontando aos tempos da colônia, a Igreja Católica no Império conservou-se nessa posição a partir da reafirmação do Padroado, confirmando o catolicismo como a religião oficial do Estado Imperial brasileiro. Enfraquecida diante das rupturas provocadas pelas novas visões de mundo que irrompiam nos oitocentos, as quais debilitavam a compreensão do mundo pautado no transcendental e elevavam os conhecimentos científicos como uma panaceia, e tendo seu clero habituado a uma disciplina frouxa, entremeado nas funções civis e religiosas, a Igreja direcionou seus esforços para sua libertação da autoridade do Estado, tentando romper com a imagem de instituição submissa ao poder temporal (MATTOSO, 1992, p. 297). Contudo, sem necessariamente romper com o status de religião oficial do Estado, o qual lhe assegurava poder.

Nesse sentido, em 1864, o Papa Pio IX lançou a encíclica *Quanta Cura*, que continha dezesseis proposições que contrariavam a visão católica da época quanto à relação entre Igreja e Estado, acusando os Estados modernos de propagadores da indiferença religiosa e censurando a liberdade de consciência. Em seguida, lançou também o anexo dessa encíclica, o *Syllabus errorum*, a lista dos principais erros do nosso tempo. Nesse, a Igreja, na figura do Papa, condena o racionalismo, a educação laica, a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de pensamento, de imprensa, a soberania do povo e a supremacia jurídica do Estado (SANTOS, 2010, p. 69). Em 1869, Pio IX fez a convocação do Concílio Vaticano I e no ano seguinte, por meio dessa reunião do alto clero para deliberar sobre questões doutrinárias, a infalibilidade papal é declarada como dogma de fé. Ou seja, o dogma definia que uma decisão papal jamais estaria errada.

Diante do recrudescimento das posições conservadoras da Igreja e, do outro lado, dos ideais liberais, figuraram ardorosos embates pelo controle do modelo de civilização que se projetaria no Ocidente nessa segunda metade do século XIX e no início do século XX. A elite intelectual liberal brasileira protagonizou a crítica

anticlerical nacional, inflamada pelo confronto entre Estado e Igreja do Estado na década de 1870 conhecida como Questão Religiosa ou Questão dos Bispos. A contenda se iniciou com a suspensão do padre Maçom Almeida Martins pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda. Esse seguia os preceitos ultramontanos de oposição à maçonaria, devido à defesa que essa fazia das ideias liberais em ascensão. Avolumando as desavenças entre maçonaria e Igreja Católica, os bispos ultramontanos de Olinda e do Pará, respectivamente Dom Vital Maria Gonçalves e Dom Antônio de Macedo Costa, agiram de forma categórica, exigindo que as irmandades religiosas e de ordens terceiras desligassem seus membros maçons. Com a desobediência daquelas diante da ordem estabelecida, acabaram recebendo, por ordem dos bispos, a suspensão e interdição de suas capelas. As irmandades, então, apelaram ao Imperador, alegando seu caráter misto (eram a um só tempo instituições civis e religiosas) e que deviam obediência tanto ao poder eclesiástico quanto ao poder temporal. Afrontado quanto ao seu próprio poder, o Conselho de Estado compreendeu, então, que os bispos se apossaram do poder temporal, cabendo exclusivamente ao poder civil o controle das irmandades.

Revogada a ordem dada pelos Bispos de expulsar os membros maçônicos das irmandades, os sacerdotes não acataram a autoridade do Imperador. Fazendo valer as proposições ultramontanos de centralização religiosa, o bispo Dom Macedo Costa não confirmou a submissão da Igreja ao Estado, alegando ser “mais importante obedecer a Deus que aos homens” e foi além, colocando a primazia do poder na figura do chefe romano da Igreja: “se o governo brasileiro é católico, não somente ele não pode ser o chefe ou o superior da religião católica, mas é até seu súdito” (MATTOSO, 1992, p. 322). A soberba dos sacerdotes lhes custou uma acusação pelo Supremo Tribunal de Justiça que resultou na condenação de ambos, em 1874, com pena de prisão simples.

Esse episódio ocorrido na década de 1870 alarmou tensões que se encontravam latentes há décadas. As contendas entre liberais livres pensadores e a Igreja e seus adeptos iriam transcender ainda por décadas, avançando para o século XX. E essas questões perpassaram toda a escrita de Clodoaldo Freitas, afiguradas já no Seminário e consolidadas durante sua formação superior na Faculdade de Direito em Recife.

4 | O ANTICLERICALISMO DE CLODOALDO FREITAS

O outro olhar sobre a religião que Clodoaldo despertaria ainda no seminário pode estar relacionado às influências iluministas de parte dos professores dessa instituição. “A própria educação no Seminário Menor das Mercês era, no dizer de Clodoaldo – meio religiosa e meio laica – pois resultava das diferentes orientações dos professores leigos e religiosos (com as divisões internas desses) contra as quais

os bispos improficuamente lutavam” (QUEIROZ, 2011, p. 254). E esse novo olhar de Clodoaldo Freitas sobre a função da Igreja e de seu clero abriu espaço para uma nova forma de perceber as experiências de seus familiares sacerdotes, associados à falta de virtude religiosa dos membros da Igreja. Tanto o Cônego Claro Mendes, parente, amigo, protetor e financiador de parte dos estudos do jovem Clodoaldo, quanto seu tio, o padre José Dias de Freitas, não foram muito afeitos ao celibato religioso (CUNHA, 1924, p. 32). “Sexualmente ativo (...) segundo o folclore de Oeiras [o padre José] teria deixado mais de 50 filhos” (QUEIROZ, 2011, p. 254). O próprio Cônego Claro teria sido acusado, por seu cunhado, o Coronel Raimundo José de Carvalho, de adultério com D. Antônia Rosa Dias de Freitas, mãe de Clodoaldo (VIEIRA; SOARES, 2006, p. 7). Evento, esse, que levou ao seu afastamento como professora primária contra a sua vontade, ainda que mantidos seus vencimentos (GOVERNO, 1872), e sua posterior transferência para a cadeira de Primeiras Letras da Vila de Picos (VIEIRA; SOARES, 2006, p. 7).

Em uma aula de direito eclesiástico, regida pelo lente maranhense Dr. José Joaquim Tavares Belfort, na Faculdade de Direito em Recife, Clodoaldo deu mostras de seu anticlericalismo quando foi chamado para tratar sobre conventos, cônegos e freiras. O estudante arguiu demonstrando os perigos dos monastérios por serem “antros de imoralidade e uma decrepitude no ponto de vista social e religioso” (CUNHA, 1924, p. 33). O professor o ouviu e saiu da aula sem nada dizer, como se o aplaudisse em silêncio (CUNHA, 1924, p. 33).

Clodoaldo Freitas se enojava do tipo de direito que era ensinado até a década de 1870 na Faculdade de Direito de Recife, devido à sua esterilidade e secura (CUNHA, 1924, p. 32). O Direito em voga, mas já em franco descrédito, era o Direito Natural, no qual se compreendia a realidade social como rígida e imutável (AVELINO, 2010, p. 12). A concepção do Direito à qual o jovem acadêmico se afeiçoava relacionava-se com o movimento de secularização do mundo moderno (QUEIROZ, 2011, p. 257), que valorizava as experiências concretas das sociedades, assumindo uma feição mutável, evolutiva, aproximando-se da ciência e de seu método de investigação dos fatos (AVELINO, 2010, p. 28) e distanciando-se das explicações teológicas das coisas do mundo. A geração de bacharéis de Clodoaldo Freitas participou intensamente das atividades literárias e políticas do final da década de 1870, influenciada pelas ideias novas, que eram

um conjunto de ideias então tidas como radicais, que estão dentro da tradição filosófica europeia, em suas vertentes materialistas, empiristas, utilitaristas, positivistas e derivadas do saber sobre a natureza, que se vinha desenvolvendo e ganhando adeptos pelo menos desde o século XVII. Uma concepção secularizada do mundo, como tendência, vem a se consolidar com grande força no final do século XIX, e recebe reforço de um amplo conjunto de resultados das pesquisas científicas em geral, que justificam a secularização como processo científico e natural. Na prática, as discussões se centralizavam em oposições muito fortes aos saberes de ordem teológica e à concepção teocêntrica do mundo. O projeto natural colide com o projeto divino, a Natureza opõe-se à Providência, a ciência

volta-se contra a religião. Esse impulso oitocentista de secularização do mundo tem um impacto substancial sobre as concepções de cunho antropocêntrico e mesmo sobre o uso de alegorias antropomórficas, colocando mesmo na ordem do dia a relação homem-natureza e, em última instância, a relação homem-Deus (QUEIROZ, 2011, p. 236).

No ano de sua chegada à Teresina, tornou-se colaborador do Jornal *A Imprensa*, veículo do Partido Liberal fundado por seu primo de segundo grau, José Manuel de Freitas, por seu parente Deolindo Mendes da Silva Moura e por David Caldas (GONÇALVES, 1993, p. 122), onde publicou, nos meses de julho a agosto de 1881, o artigo “Breve notícia sobre *As visões de hoje*”, primeiro texto com conteúdo anticlerical presente na imprensa de Teresina (QUEIROZ, 2011, p. 227). Nele, expressa parte das discussões iniciadas em Recife, traçadas em torno do livro de Martins Júnior, onde estão presentes a valorização das ideias de evolução, progresso, da morte da metafísica e do teologismo; a exaltação da poesia científica, com ênfase na sua atualidade e utilidade; a defesa da democracia e república como modelos ideais de organização política e da laicização do Estado; e também consta uma forte crítica à Igreja Católica Romana como instituição e seus monastérios (QUEIROZ, 2011, p. 232-233).

No artigo encontra-se pouca crítica literária, uma profissão de fé ainda algo comtiana, incluindo a proposta da religião da humanidade, muito haeckelismo e uma vigorosa crítica anticlerical e antirreligiosa. Coerente com a missão de secularizar o pensamento brasileiro, o texto incorpora e reproduz vários argumentos em torno da questão das mortes propostas por sua geração – da metafísica, da religião, do ciclo teológico, das ficções mitológicas e, mesmo num tempo mais remoto, do próprio sentimento religioso (QUEIROZ, 2011, p. 99).

O artigo sobre a obra de Martins Júnior, *Visões de hoje*, provocou os ânimos da católica sociedade teresinense devido à tessitura anticlerical do Dr. Clodoaldo. O embate se iniciou com a resposta, em série, do bacharel Ricardo José Teixeira Filho no jornal *O Semanário*. A polêmica tomou tal proporção que o cargo de Promotor Público de Clodoaldo chegou a ser abalado com uma possível exoneração (QUEIROZ, 2011, p. 232). A contenda de Teixeira Filho diante do artigo de Clodoaldo revelava o abismo que separava o modo de pensar desse da mentalidade que vigorava em Teresina na última década do Império. “O artigo mexera com dogmas religiosos aceitos e mesmo com dogmas políticos – a saber, a discussão da democracia e sobretudo da república” (QUEIROZ, 2011, p. 233). A desaprovação de Teixeira era uma manifestação da reação contra as ideias modernas, figuradas no positivismo e evolucionismo (QUEIROZ, 2011, p. 233).

5 | AS BEATAS NA LITERATURA FICCIONAL DE CLODOALDO FREITAS

Além das críticas literárias e de sua atuação político-partidária na imprensa com a publicação de diversos artigos, Clodoaldo Freitas escreveu ficção durante toda a sua vida, por meio da qual procurava escriturar e prescrever modelos para

sua sociedade. Advindo das gerações materialistas-cientificistas, enlaçou um estilo de escrita também proveniente da escola romântica, com seu tracejar amoroso, permeado pelo lirismo sentimental e sensual. Influenciado pelas obras de Victor Hugo, Byron, Goethe e seus correspondentes nacionais Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e, desde o seminário das Mercês, Álvares de Azevedo, também elevou a poesia científica (SANTOS, 2010, p. 156) e o peculiar naturalismo brasileiro. Analisando a sociedade de sua época com o olhar racionalista, elaborou padrões para a formação de uma Nação ideal, tão ao gosto do século XIX.

A crítica anticlerical a partir da figura da mulher que apresenta em si traços de religiosidade foram frequentes na literatura brasileira. Figurando dos versos satíricos de Gregório de Matos, no século XVII, até a literatura oitocentista, as mulheres religiosas, sejam freiras ou beatas, foram largamente representadas como recalçadas, hipócritas, solteironas e fofoqueiras (SANTOS, 2010, p. 15, 17, 19, 144).

Na literatura oitocentista, as figuras femininas foram representadas como seres ingênuos, que eram facilmente capturadas pelos desígnios perversos da Igreja, instituição coordenada exclusivamente por homens, dos quais afastam as mulheres do lar, distanciando-as do casamento e do marido. Ou seja, segundo os anticlericais, a Igreja era a responsável por afastar as mulheres de suas atividades consideradas naturais, a saber, as funções de esposa comprometida, mãe devota e senhora do lar (SANTOS, 2010, p. 134). A beata, então, era definida como a mulher obcecada pelas coisas religiosas, cheia de zelo e inquietação espiritual (HOUAISS, 2009), distanciando-se de seu sentido original do latim, *beatus*, que significa bem-aventurada, feliz (SANTOS, 2010, p. 134).

Comumente ocupando um espaço marginal nos enredos da literatura nacional (SANTOS, 2010, p. 134), a beata, na literatura de Clodoaldo Freitas, ganhou destaque devido à necessidade que se impunha sobre o autor de prescrever comportamentos às mulheres diante da religião, tomando para si a missão de conduzir a sociedade a um estado de ordem a partir de uma lógica positivista. Envolvendo-se em diversas contendas com clérigos católicos apresentadas nas páginas dos jornais, o livre pensador não se ateve apenas aos embates diretos, compondo uma extensa obra ficcional permeada por figuras emblemáticas para a construção de sua propaganda anticlerical, investindo nas mulheres grande parte de seus argumentos.

Em seus contos e novelas, Clodoaldo Freitas exercitou parte de sua crítica anticlerical na figura da beata. Compondo prescrições de comportamentos ideais para as mulheres, as quais são, segundo o autor, mais propensas às credices e fanatismos religiosos. Ao longo de diálogos encenados entre as jovens figuras bacharelescas masculinas, arautos da modernidade e do progresso, e as moças casaduras, o literato teceu argumentos em prol de uma sociedade liberta dos desígnios religiosos ao mesmo tempo em que delineou modelos ideais de homens, mulheres e seus enlaces.

Em 1909, Clodoaldo Freitas publicou, em folhetim no jornal *Diário do*

Maranhão de São Luís, o conto *A beata*, sob o pseudônimo W. Einarhdt. A partir da intertextualidade com a obra “Amor de perdição” de Camilo Castelo Branco, Clodoaldo compôs uma rede de diálogos entre os personagens da narrativa, que discutem sobre a escolha do casamento pelos próprios nubentes, em destaque para as discussões em torno da preferência da filha em detrimento da indicação paterna para o enlace matrimonial, revestida por sua defesa dos ideais modernos de racionalidade e valorização das leis. Onde ratifica, ainda, a lei e a autoridade paterna, contudo, suavizadas e diminuídas em prol da figura do jovem marido como chefe da nova família e da felicidade conjugal no lar burguês construído pelo amor dos esposados.

Utilizando-se da figura do jovem bacharel e livre pensador no conto como seu alter ego para dispor de sua voz na narrativa, Clodoaldo defende em seu conto a livre escolha matrimonial e formula enérgica crítica anticlerical aos monastérios. No diálogo entre o jovem bacharel Dr. Armando e o conservador Comendador Lemos, este indaga

- Também nega ao pai o direito de enclausurar as filhas desobedientes na sua teimosia de amar a indivíduos indignos?

- Nego, em absoluto, semelhante direito, mesmo porque não admito a vida monacal.

- O senhor é também dos que acreditam que o convento é um antro de perdição?

- Decerto. O convento é um antro de perdição no sentido genuíno e *lato* da palavra. Aquela cena das freiras no convento de Vizeu, ébrias, maldizentes, hipócritas, manchadas de vícios próprios dos ímpares, tenho como um retrato fiel da vida real dos conventos. Dizem que nos homens há muitos desses vícios e dessas intrigas e traições. Olhe que só me refiro aos conventos de freiras, porque, aos de frade, não podia referir-me convenientemente perante senhoras (FREITAS, 2010, p. 90).

Diante da impossibilidade de conciliação do sentimento amoroso nutrido pelo liberal e anticlerical Armando e pela religiosa Naninha, filha do desembargador que teve uma educação conventual, o narrador protagonista se vê num violento conflito interno, o qual o leva a assomar-se em desonestas conclusões sobre a moça. Porém, temeroso que sua filha se dirija à vida conventual, o desembargador pede que o Dr. Armando se case com Naninha. Diante da possibilidade de a jovem beata ceder e casar-se com seu amado ímpio, esse argumenta que

- Será um casamento desgraçado, porque reinará sempre, entre nós, a desconfiança, o ódio religioso, o mais violento e brutal de todos. A mulher católica só é boa esposa quando o marido, condescendente, dá-lhe plena liberdade de ação na sua faina religiosa, às voltas com os padres. O marido que reage, está perdido. Seria uma grande desgraça, para mim e para Naninha, um casamento debaixo de semelhantes auspícios! Depois, esse pedido feito por Naninha da mão da Dorinha... Que hei de dizer para convencer o comendador de que não a autorizei a fazer semelhante pedido, obra sua, obra insensata de sua imaginação, que não estou longe de considerar aguçada pelo histerismo? (FREITAS, 2010, p.

Clodoaldo Freitas, pela voz do jovem liberal, defende a harmonia doméstica possibilitada pelo consentimento do marido quanto aos interesses religiosos da mulher ou pela confirmação feminina da religião do marido, ou de sua falta de religião. Apesar do possível consenso, é clara a relação que o autor faz entre a insensatez de sua imaginação e sua ligação com a religião, produtora de um histerismo na jovem beata.

No conto *O divórcio*, publicado no jornal maranhense *Pacotilha* em 1907, no auge das desavenças entre Igreja e maçonaria no Piauí, o personagem Evaristo, que era Conselheiro e maçom, faz uma reflexão sobre seu infeliz casamento após receber a notícia do falecimento de sua esposa. Os motivos do insucesso matrimonial giram em torno da insubordinação e agressividade da, então falecida, Quinoca para com seu marido. Relatando os comportamentos dela a seu íntimo amigo Dr. Pedro Caldas, aponta a postura insubmissa e excessivamente religiosa de sua esposa.

Porque, é preciso que eu diga, a Quinoca todos os dias requintava em maldades, em seu ódio, na sua agressão meditada, furiosa, injusta, que me fazia a sua presença um suplício e a vida doméstica um verdadeiro inferno. Uma causa de sofrimento para mim foi inventada por Quinoca, que se aprazia, como disse, em apoiar tudo quanto me podia desgostar. Agora já não queria somente me desgostar, procurava ofender-me, atacar-me de frente, ferindo-me nas minhas mais caras convicções, nos meus mais íntimos afetos. A Quinoca declarou-se beata. Se eu falava no nome de qualquer padre, mesmo sem ofensa, ela caía sobre mim com uma fúria e me cobria de baixos doestos, de descomposturas em que eram envolvidos meus pais, já falecidos, e a minha honra pessoal. Se eu saía para alguma sessão maçônica, era o mesmo tormento, o mesmo desespero da Quinoca, insultando-me, dizendo que todo maçom era perverso, infame, ateu, libidinoso, e não sei o que mais. Gritava, praguejava, chorava, ameaçava tomar veneno para se ver livre de um debochado como eu, que era maçom e escrevia contra os padres!

- Quinoca, que tens tu com esses padres? Que te importa que eu ou quem quer que seja os ataque?

- Me importa muito, porque os padres são representantes de Deus na terra e atacar os padres é atacar a Deus. Importa muito porque quem não é pelos padres é contra a religião e quem é contra a religião é um perdido, não tem moral, é maçom, um bandido.

- Mas este teu ardor em defenderes a esses padres torna-se escandaloso.

- Queres dizer que eu namoro com algum padre?

- Não sei e não quero saber, mas é preciso que acabes com isto, porque já não posso tolerar que, em minha casa, me veja coacto a externar-me porque tu, uma mulher sem critério, te pões em oposição a todos os meus pensamentos e desejos. Que há de comum entre tu e os padres?

- Há de comum que eles são os chefes da religião.

- E que tens tu com isso? A primeira religião de uma honesta mãe de família são

o marido, os filhos, a paz doméstica. Tu, uma esposa má, como queres ser uma boa devota? Tu és uma amaldiçoada de Deus porque procedes assim.

- Eu procedo assim mal porque não me tenho confessado.

- E nem te confessarás.

- Isto lá, não. Eu vou me confessar agora pela Semana Santa.

- Não te confessarás, a menos que deixes de ser minha mulher. A confissão é uma imoralidade e a mulher que se confessa é escrava do confessor. Tu, que sem te confessares, estás tão fanatizada, o que não serás dominada pela confissão? Não, não te confessarás porque não admito semelhante bandalheira. Desde a hora em que te confessares não serás mais minha mulher (FREITAS, 2010, p. 39-40).

As denominações ofensivas aos maçons representam a forma como a pia sociedade via esses sujeitos críticos da cultura vigente, a qual era atalhada pelas explicações metafísicas, bem como o modo como o clero católico atuava na sociedade por meio das mulheres beatas. A definição do maçom como ateu revelava uma recorrente confusão que se fazia das várias posições anticlericais existentes (SANTOS, 2010, p. 53). Até a irrupção da Questão Religiosa, alguns padres eram maçons e grande parte dos maçons eram bons católicos (MATTOSO, 1992, p. 321). O entendimento que se fazia sobre a crítica anticlerical dos maçons parecia ser, à época, formulado como uma postura contra a moral, como se fossem bandidos, escamoteando “conceitos como de igualdade, liberdade, fraternidade, ordem, harmonia, luz, [que] também foram veiculados através da Maçonaria, que alimentou muitas das utopias liberais do período, pelo menos no seu discurso público” (QUEIROZ, 2011, p. 227) e a atuação da “maçonaria pregando a caridade, a justiça, [onde] a liberdade dirige-se ao gênero humano, fala a todos os homens, chamando-os todos à confraternização universal” (FREITAS, 1904). A crítica anticlerical nos oitocentos surgiu, também, dentro do próprio clero, como uma crítica do baixo clero a determinadas posturas do alto clero (SANTOS, 2010, p. 50).

Em torno dos questionamentos a respeito da virilidade do padre católico, os anticlericais do século XIX, nos quais Clodoaldo Freitas se insere, percebiam os clérigos como hipersexualizados portanto, censuravam a confissão auricular. Pois, como compreendiam o homem a partir da ciência, a continência sexual poderia trazer malefícios físicos e psicológicos, daí decorrer a necessidade do padre aliviar suas pulsões, e, por conseguinte, advir as preocupações dos anticlericais com o controle da sexualidade de suas esposas e filhas, buscando mantê-las afastadas dos membros viris da Igreja.

O padre se torna a face obscura do homem burguês e o *alter ego* da prostituta, cuja face luminosa é a mulher casada. Os padres são “os homens de tolerância das mulheres do mundo” segundo o anônimo *Messe d’amour* (missa de amor) (1889), em que uma duquesa, abandonada por seu marido, entrega-se a um jovem e belo vigário no confessionário e em seguida no chão de uma capela, a

fim de ser engravidada. O padre executa em sua penitência, antes de penetrá-la, um ataque de língua e um *cunilingus* que a fazem proferir obscenidades de prazer (AIRIAU, 2013, p. 314-315).

A confissão auricular se tornava uma arma da Igreja contra os esposos e pais, na visão dos maçons, “interferindo no âmbito do próprio lar e na harmonia da família, a Igreja se colocando, pois, como um outro poder e como fator de desestabilização do pátrio poder doméstico” (QUEIROZ, 2011, p. 265). Diante do possível adultério das esposas insubmissas, Clodoaldo Freitas defendia o divórcio, assim como também faziam alguns destacados juristas da escola positiva, que viam na possibilidade de dissolução do matrimônio a solução para o adultério e para a infelicidade conjugal (AVELINO, 2010, p. 178).

Em *Por um sorriso*, novela publicada em folhetim no jornal *Correio do Piauí* na primavera de 1921, Clodoaldo apresenta o triângulo amoroso-conflituoso entre o protagonista Carlos, jovem advogado e alter ego de Clodoaldo Freitas, sua amada Teresa e o belo e arrogante Alarico, inspirado no triângulo amoroso vivido por Lorde Byron, Teresa (condessa Guicioli), e seu marido. A intertextualidade na novela é evidente. Enquanto estava tomada pelos fulgores do amor que sentia por Teresa, Carlos lia sobre os amores entre Byron e a condessa Guicioli, homônima da amada do jovem bacharel, e podia, naquele momento, entender todos os poetas e a felicidade de encontrar “na terra a alma bendita irmã da sua!” (FREITAS, 2009, p. 15). E, assim como o amor de Byron por sua Teresa, o amor de Carlos por sua Teresa não estava restrito apenas aos dois amantes. Alarico, o arquirrival do jovem protagonista, comporia o triângulo dessa relação, na qual recairia sobre a ingênua Teresa todas as agruras desse lancinante amor.

O tom anticlerical da novela aparece na forma pedagógica como Carlos instrui Teresa quanto à relação que deveria ter com a religião. Apesar dela não ser representada como uma legítima beata, alguns comportamentos da jovem se distanciavam do ideal preconizado pelo autor, abrindo espaço para a construção, *intra-literatura*, de um modelo ideal para as moças que se guiassem por sua leitura. Teresa usava bentinhos, comportamento que Carlos assinalava com “um ato de baixa superstição, que um homem, como [ele], não pratica nunca” (FREITAS, 2009, p. 23) e completava argumentando que ela devia

evitar tudo quanto é superstição e fanatismo. Uma senhora que se preza não deve andar com esses bentinhos pendurados ao pescoço. Essas devoções da plebe ignara e pagã não são atos da religião. A religião é o ideal do amor pelo desprendimento da personalidade. Ser religioso é pospor seu eu à humanidade e ceder aos outros sua própria existência. Que significa essa tola exibição religiosa, que não é cristã e vem evidentemente do paganismo? Por meu gosto, Teresa, não andarias com esses bentinhos ao pescoço, ao menos por higiene. Quando Teresa voltou, já não trazia os tais bentinhos ao pescoço.

– Estás satisfeito? – Perguntou.

– Satisfeito por mim e, mais, por ti, minha boa amiga. Desejo que mantendas tuas

crenças religiosas sem a mínima superstição, sem fanatismo. A superstição é indigna de uma pessoa educada cristãmente. Podes ser religiosa sem beatice, crente, sem fanatismo (FREITAS, 2009, p. 23-24).

O arrefecido anticlericalismo do velho senhor Dr. Clodoaldo Freitas em 1921 já não era mais tão ferino como o foi nos tumultuosos tempos de contenda entre maçonaria e Igreja nos primeiros anos do século. Sem atacar o Cristianismo, Clodoaldo Freitas criticava os atos pagãos da sociedade em prol de um Cristianismo puro, associando essa religião à humildade, benevolência e temperança.

6 | CONCLUSÃO

A partir de sua prosa ficcional, Clodoaldo Freitas disputava com a Igreja Católica o poder de tutela sobre as mulheres. Aliando à sua constante crítica anticlerical a formatação de modelos ideais de homens e mulheres, de casamento e família, ou a crítica a esses malsucedidos enlances, compondo reflexões sobre o amor e suas vicissitudes. Pondo em destaque a representação da beata como antimodelo feminino, pois essa se distanciava do arquétipo de mulher, que deveria voltar-se para a família, a maternidade devota e ao marido na santidade do lar.

REFERÊNCIAS

AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católico: certa ou problemática?. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História da virilidade**. O triunfo da virilidade. O século XIX. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 302-320.

AVELINO, Jarbas. **As escritas dos bacharéis**. A ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010.

CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade: vagabundos e pícaros na idade moderna. **Tempo**. Rio de Janeiro, 17, p. 33-51. 2004.

CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. **Revista da Academia Piauiense de Letras**, Teresina, ano 7, p. 28-57, dez. 1924.

FREITAS, Clodoaldo. A beata. In: FREITAS, Clodoaldo. **Os Burgos e outros contos**. Imperatriz: Ética, 2010. p. 89-105.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. **Os Burgos e outros contos**. Imperatriz: Ética, 2010. p. 37-47.

FREITAS, Clodoaldo. **Por um sorriso**. Imperatriz, MA: Ética, 2009.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário histórico-biográfico piauiense: 1718-1993**. 2ed. Teresina: Gráfica e Editora Junior, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MATTOSO, Kátia. **Bahia, século XIX**. Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

NERIS, Wheriston Silva. A produção do corpo sacerdotal no Bispado do Maranhão (XIX): Formação seminarística e introdução de novos modelos disciplinares. **Outros Tempos**, São Luís, v. 8, n. 12, p. 17-43, dez. 2011.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

SANTOS, Cristian. **Padres, beatas e devotos**. Figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília: Brasília, 2010.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

VIEIRA, Maria Alveni Barros; SOARES, Norma Patrycia Lopes. **A professora e o inspetor**: disputas de poder no magistério piauiense na década de 1860. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI: a pesquisa como mediação de práticas socioeducativas. Teresina: UFPI, 2006.

CÂMARA de Oeiras. **A Imprensa**. Teresina, ano 4, n. 181, 13 jan. 1869.

EDITAES. **Publicador Maranhense**. São Luís, ano 33, n. 24, 30 jan. 1874.

EDITAES. **Publicador Maranhense**. São Luís, ano 33, n. 52, 5 mar. 1874.

FREITAS, Clodoaldo. A Maçonaria e seus fins. **Pará-Maçom**, Belém, ano 1, n. 2, 1904.

GOVERNO da Província. **A Imprensa**, Teresina, ano 2, n. 67, 3 nov. 1866.

GOVERNO da Província. **O Piauí**. Teresina, ano 5, n. 210, 15 mar. 1872.

<<http://www.lettras.ufrj.br/veralima/romantismo/poetas/byron.html#bio>> Acesso em: 1 dez. 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

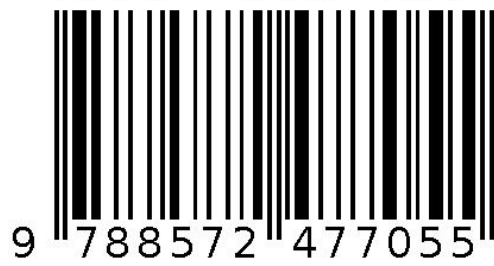
T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055